

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA DA AFRICA**

ANDREIA OLIVEIRA CONCEIÇÃO

**TURISMO GAMIFICADO NA PEQUENA ÁFRICA:
ENSINO AFRODIASPÓRICO A PARTIR DE JOGOS
APLICADOS AO GUIAMENTO TURÍSTICO**

Rio de Janeiro

2025



ANDREIA OLIVEIRA CONCEICAO

TURISMO GAMIFICADO NA PEQUENA ÁFRICA: ENSINO AFRODIASPÓRICO A PARTIR DE JOGOS APLICADOS AO GUIAMENTO TURÍSTICO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador(a): Dr. Higor Figueira Ferreira

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C744 Conceição, Andreia Oliveira
Turismo gamificado na Pequena África: ensino afrodiaspórico a partir de jogos aplicados ao guiamento turístico / Andreia Oliveira Conceição. - Rio de Janeiro, 2025.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Higor Figueira Ferreira.

1. História da África - Estudo e ensino. 2. Gamificação. 3. Guias de turismo. 4. África - Cultura. 5. Jogos educativos. 6. Zona Portuária (Rio de Janeiro, RJ) - Pequena África. I. Ferreira, Higor Figueira. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

ANDREIA OLIVEIRA CONCEIÇÃO

TURISMO GAMIFICADO NA PEQUENA ÁFRICA: ENSINO AFRODIASPÓRICO A PARTIR DE JOGOS APLICADOS AO GUIAMENTO TURÍSTICO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África

Aprovado em 30 de Abril de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Higor Figueira Ferreira
Colégio Pedro II
Orientador

Prof. Me. Glaydson Gonçalves Matta
EEHA – Colégio Pedro II

Prof. Dr. Paulo Vinícius Aprigio da Silva
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2025

Dedico este trabalho aos Pretos Novos
do Valongo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu grande amigo e esposo André Barros pelo amor, carinho, companheirismo, força e apoio incondicional na minha trajetória.

Agradeço minha mãe Jussara Conceição, e meus filhos Thomaz Barros e Matheus Barros pelo incentivo em todos os momentos.

Agradeço ao meu orientador Prof.Dr. Higor Figueira Ferreira pela paciência, generosidade, condução e ajuda no meu trabalho de pesquisa.

Agradeço a todos os professores do Curso de Pós-Graduação em Ensino de História da África do Colégio Pedro II, pela excelência na transmissão do ensinamento e com os quais aprendi muito não só sobre a cultura africana, mas como ser uma professora melhor.

As amigas Edilene Nery e Neide Valentim pela cumplicidade nos momentos difíceis.

À todos os meus colegas de turma, pelo companheirismo e apoio na caminhada. E em especial ao querido e inesquecível amigo Sérgio Ricardo dos Santos Soares in memoriam.

"Diga-me e eu esquecerei,
ensina-me e eu poderei lembrar,
envolva-me e eu aprenderei"

Benjamin Franklin

RESUMO

CONCEIÇÃO, Andreia Oliveira. **Turismo gamificado na Pequena África: ensino afrodiaspórico a partir de jogos aplicados ao guiamento turístico**. 2025

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Ensino de História da África Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma atividade lúdica – em formato de jogo – que possa ser aplicada durante o Guiamento do Circuito da Herança Africana na Pequena África, Rio de Janeiro. A proposta busca destacar a relevância histórica e cultural desse território, reconhecendo as contribuições africanas para a formação da sociedade brasileira, além de fomentar a reflexão sobre racismo, diversidade e inclusão. Neste sentido, o jogo visa dinamizar o aprendizado de forma interativa e positiva. Por meio de uma abordagem qualitativa, o estudo pretende avaliar como a aplicação dessa ferramenta pedagógica durante os guiamentos pode promover maior engajamento e interação dos participantes, contribuindo para potencializar a absorção do conhecimento. Para além do entretenimento, busca-se reforçar o valor educativo e cultural do circuito e enfatizar a importância da preservação desse espaço de memória como Patrimônio da Humanidade.

Palavras Chaves: gamificação; guiamento; herança africana; jogos; pequena África

ABSTRACT

The objective of this study is to develop a recreational activity – in game format – that can be used during the African Heritage Circuit Guide in Little Africa, Rio de Janeiro. The proposal seeks to highlight the historical and cultural relevance of this territory, recognizing African contributions to the formation of Brazilian society, in addition to encouraging reflection on racism, diversity and inclusion. In this sense, the game aims to energize learning in an interactive and positive way. Through a qualitative approach, the study aims to evaluate how the application of this pedagogical tool during the guides can promote greater engagement and interaction among participants, contributing to enhancing the absorption of knowledge. In addition to entertainment, the aim is to reinforce the educational and cultural value of the circuit and emphasize the importance of preserving this space of memory as a World Heritage Site.

Keywords: gamification; guide; african heritage; games; little Africa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Largo do Paço- atual Praça XV.....	pag.14
Figura 2: Atual Praça XV.....	pag.15
Figura 3: Cemitério dos Pretos Novos – Atual Rua Pedro Ernesto.....	pag.17
Figura 4: Cemitério dos Pretos Novos – Atual Rua Pedro Ernesto.....	pag.18
Figura 5: Escavações do Cais do Valongo.....	pag.21
Figura 6: Vista Frontal do Sítio Arqueológico Cais do Valongo.....	pag.22
Figura 7: Tabela Total de Visitantes ao Cais do Valongo entre 2016 e 2024.....	pag.29
Figura 8: Coreto da Praça da Harmonia.....	pag.32
Figura 9: Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos.....	pag.34
Figura 10: Ladeira do Livramento.....	pag.35
Figura 11: Cais do Valongo.....	pag.36
Figura 12: Jardim Suspenso do Valongo.....	pag.37
Figura 13: Pedra do Sal.....	pag.39
Figura 14: Beco João Inácio.....	pag.40
Figura 15: Largo São Francisco da Prainha.....	pag.41
Figura 16: Mapa do Circuito da Herança Africana.....	pag.44
Figura 17: Conjunto de Cartas.....	pag.45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TRANSFORMAÇÕES NO RIO DE JANEIRO DA COLÔNIA À CORTE	14
3 O TERRITÓRIO DA PEQUENA ÀFRICA E SUA RELEVÂNCIA HISTÓRICO SOCIAL	22
3.1 DELIMITANDO A PEQUENA AFRICA	22
3.2 O POTENCIAL DA PEQUENA AFRICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	25
3.3 DE MEMÓRIA SENSÍVEL A ATRAÇÃO TURÍSTICA.....	27
3.4 CONHECENDO O CIRCUITO.....	30
4 GAMIFICANDO A HERANÇA NEGRA	42
5 HORA DE JOGAR	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

1- INTRODUÇÃO

A aplicação de jogos voltados para o ensino de história foi algo que me despertou interesse desde a graduação. À época participei do Fórum “Games – A História em Jogo” ocorrido no Museu Histórico Nacional nos dias 10 e 11 de outubro de 2017. Ali se descortinou um universo repleto de potencialidade dos Jogos no Ensino de História, através da apresentação de pesquisas de historiadores de todo o Brasil, os quais versavam sobre a temática e o sucesso de sua aplicação.

Ciente das possibilidades proporcionadas pelo uso de jogos no ensino de história, apliquei – durante o meu estágio de Licenciatura no Colégio Liceu de Artes e Ofício – algumas atividades dessa natureza em sala de aula, criando jogos de acordo com o conteúdo bimestral. Levando em seguida a dinâmica dos jogos para o guiamento turístico. Ao fazê-lo, sobretudo no último caso, pretendia não apenas gerar uma experiência diferenciada nos roteiros nos quais atuava, como também envolver o público na significação do patrimônio ali apresentado.

Diante dos resultados positivos obtidos a partir destas experiências, me animei com a ideia de desenvolver um jogo a ser aplicado especificamente durante o Guiamento do Circuito da Herança Africana, na Pequena África, Rio de Janeiro, ancorado no tripé da gamificação: ensinar, informar e divertir.

Embora existam pesquisas sobre gamificação aplicada ao turismo, a adoção dessa estratégia ainda não é tão habitual entre os guias. Tal fato não se constitui enquanto um problema em si. De todo modo, entendo particularmente que essa iniciativa pode contribuir bastante no processo de interação com os saberes e espaços do guiamento, razão pela qual decidi elaborar uma gamificação que pudesse servir a todo o percurso, gerando interação com diversos pontos do referido circuito.

A escolha desse território não é aleatória. Ela dialoga com o desejo de promoção de práticas educativas voltadas à propagação da história afrodiáspórica na cidade do Rio de Janeiro. O Circuito da Herança Africana é uma sala de aula a céu aberto, permitindo a mobilização de reflexões a respeito do passado colonial-escravista brasileiro, dos processos de exclusão, do racismo enraizado em nossa sociedade, da necessidade de políticas e ações de diversidade e inclusão, dentre outras temáticas concernentes à história social e

cultural brasileira. Em suma, esse guiamento confere meios para a aplicação da Lei 10.639/2003, que prima justamente pela valorização da história da África e das culturas afro-brasileiras.

Nesse cenário, a introdução do jogo serve como estratégia de retenção de atenção e memorização por meio de uma dinâmica lúdica, na medida em que pode potencializar a absorção do conhecimento a respeito daquele território e seus sentidos.

Enquanto professora e guia de turismo, sempre me questiono sobre as formas de gerar maior engajamento com alunos e turistas. Uma aula/guiamento expositivo pode ser mais cansativo – tanto aos docentes, quando à audiência – diminuindo a retenção e o valor da experiência. Quando num formato mais participativo, aulas e guiamentos transformam alunos e turistas em protagonistas, gerando diálogo, troca de saberes e formulação de pensamento crítico, o que torna a experiência mais interessante a todas as partes. E um desses caminhos, seria os jogos com seu caráter interativo e desafiador.

A história dos jogos e brincadeiras é um reflexo das interações sociais e culturais ao longo do tempo, revelando aspectos importantes da vida cotidiana das civilizações humanas desde antiguidade. A prática de jogos de tabuleiro, por exemplo, destaca-se como uma atividade que transcende épocas e evidencia a busca por entretenimento entre as comunidades humanas, conforme indicado por (DELGADO,2005, p.70)

[...] Encontramos dados históricos que descrevem a utilização de jogos de tabuleiro: na Mesopotâmia, de aproximadamente 3000 a.C.; e no Egito, onde, no templo de Kurna, construído em cerca de 1400 a.C., foi encontrada uma espécie de tabuleiro em que participavam dois jogadores com nove fichas cada um.

Jogos são habitualmente experiências coletivas, razão pela qual minha proposta preza por constituir meios para interações entre diferentes pessoas, o que pode facilitar o próprio processo de aprendizagem. Enquanto guia de turismo, percebo que recorrer a perguntas individuais costuma gerar muita timidez entre a audiência. Contudo, quando as pessoas trabalham em equipes em torno de objetivos comuns, fica mais fácil gerar maior engajamento. Nesse sentido, recorro à gamificação como forma de “envolver as pessoas, motivar a ação, promover a aprendizagem, e resolver problemas” (KAPP, 2012, p. 10).

O propósito não é o de apresentar um mero passatempo sem objetivo pedagógico, mas de potencializar o ensino afrodiaspórico por meio de uma experiência interativa, transformando os expectadores em agentes construtores do conhecimento. Além disso, o jogo proposto, pode ser aplicado em várias faixas etárias, servindo aos públicos turísticos em idade escolar ou para além dela.

Para fins de organização, este trabalho será dividido em quatro Seções:

Na primeira Seção, intitulada “**Transformações no Rio de Janeiro da colônia à Corte**”, proponho o entendimento das transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, no período Joanino, que culminaram na construção do Cais do Valongo. Para tanto, é essencial compreender a influência das atividades portuárias no crescimento da cidade desde o século XVI, resultando na transferência do centro comercial e econômico das áreas próximas à Praça XV, no centro histórico do Rio, para a nova construção do novo Cais na região conhecida como Pequena África.

No segunda Seção, intitulada “**O território da Pequena África e sua relevância histórico-social**”, apresento o território da Pequena África, sua delimitação geográfica, a chegada e fixação dos africanos neste território, a organização do complexo escravista que foi organizado neste local e sua importância para o ensino de história como a riqueza cultural, as conexões históricas e a formação de consciência crítica sobre a história do Brasil. Destaco ainda, o processo que tornou este território em um importante atrativo turístico.

Na terceira Seção, intitulada “**Gamificando a Herança Negra**”, exponho os pontos escolhidos para o guiamento dentro do Circuito da Herança Africana, destacando o patrimônio, o contexto histórico e alguns dos personagens que o compõe.

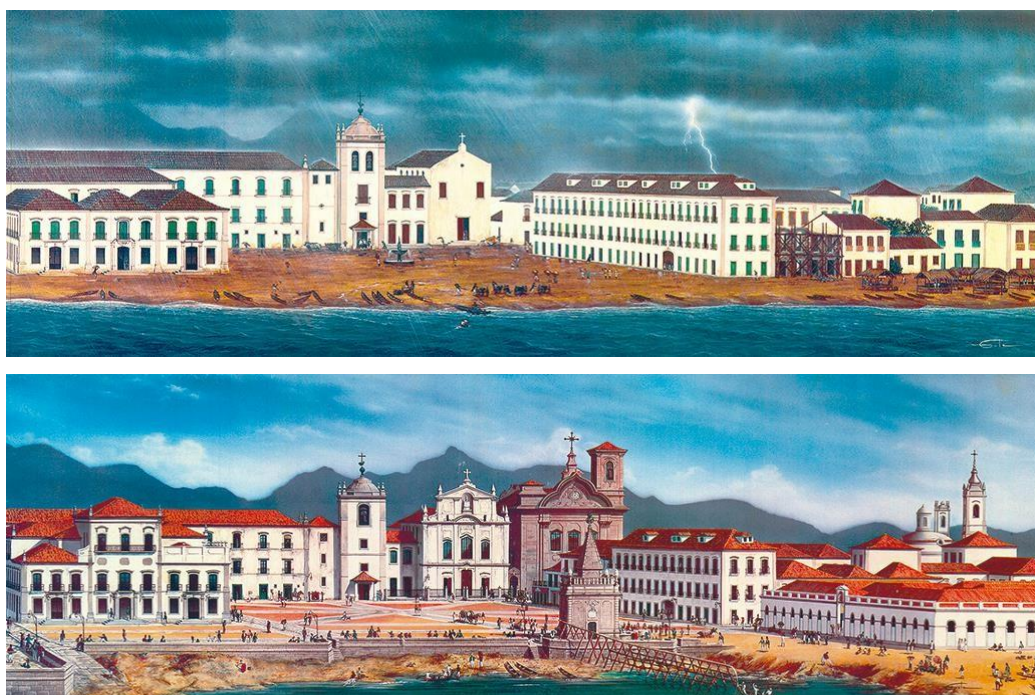
Na quarta e último Seção, intitulada “**Hora de Jogar!**” apresento o potencial da gamificação no ensino de história, a partir do entendimento dos jogos como linguagem mediadora e os pressupostos que devem ser atingidos para que a atividade obtenha êxito. E por fim, apresento a estrutura do jogo, descrição, regras, objetivos do jogo e as considerações finais que de maneira simples e sucinta, deseja unir a prática de guiamento e atividade acadêmica à dinamização com jogo.

2- TRANSFORMAÇÕES NO RIO DE JANEIRO DA COLÔNIA À CORTE

Antes de conhecer o território da Pequena África, é fundamental entender o conjunto das transformações promovidas na cidade do Rio de Janeiro que culminaram na transferência do eixo comercial e econômico das mediações da Praça XV – centro histórico do Rio – para o Cais do Valongo, área que fora utilizada para o desembarque de uma vasta quantidade de escravizados durante os períodos colonial e imperial, ocasionando justamente o desenvolvimento da área que posteriormente seria descrita como Pequena África.

As atividades portuárias iniciadas no Bairro da Misericórdia, na Praia D. Manuel, próximo à Santa Casa da Misericórdia, foram se estendendo para a Praia do Mercado, e se fixando na rua Direita, Alfândega e nas imediações da atual Praça XV¹.

Figura 1 – Largo do Paço (atual Praça XV)



Imagens de 1750 e 1840 - Fonte: <https://siurblab.rio.rj.gov.br/> evolução urbana -

Acesso: em 03/05/2025

¹ Conforme citado no Guia de Roteiros do Rio Antigo, 2004, a atual Praça XV já se chamou Várzea de Nossa Senhora do Ó, Largo do Carmo (devido ao convento do Carmo), Largo do Rossio, Terreiro, e Largo do Paço (durante o Império), até seu nome atual em homenagem à Proclamação da República

A Casa da Moeda foi transferida da Bahia para o Rio de Janeiro em 1699, em frente ao Convento do Carmo. Adiante, na direção do mar, foram construídos na mesma época, os armazéns reais e a Casa dos Governadores. Nessa mesma época, foi erguido no meio do terreiro, um pequeno chafariz, utilizando água desviada do Chafariz da Carioca.

Por sua boa localização geopolítica, a Casa dos Governadores transformou-se na sede do vice-reinado. Ao lado do novo cais, à direita, funcionava o mercado do peixe, onde embicavam as canoas trazendo peixe e produtos da lavoura e as mercadorias eram vendidas em barracas rústicas. Este comércio, autêntico precursor das feiras livres, sobreviveu por muitos anos apesar das várias tentativas de extingui-lo.

O acanhado chafariz existente no centro da praça foi substituído por outro próximo ao mar, à beira do novo cais, a fim de facilitar a coleta de água pelos navios fundeados e dar espaço para manobras militares. Projetado por mestre Valentim, a mando do vice-rei Luís de Vasconcelos, apesar de todas as transformações ocorridas em seu entorno, o antigo chafariz, ainda pode ser observado na atual praça XV.

Figura2 – Atual Praça XV – centro do Rio de Janeiro

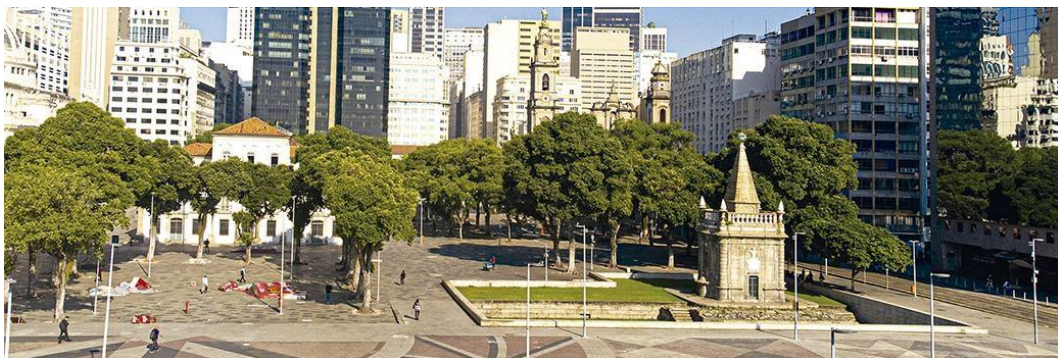


Imagem: 2023 - Fonte: <https://siurblab.rio.rj.gov.br/> evolução urbana-

Acesso em: 03/05/2025

Com a descoberta do ouro, em Minas Gerais, e o incremento das atividades comerciais no século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro alcançaria grande desenvolvimento econômico e a partir da necessidade de escoar o ouro, intensificou-se ainda mais a função portuária, a expansão geográfica da cidade e conseqüente melhoria das rotas de acesso ao interior.

Ao mesmo tempo, emergia uma preocupação com a alta circulação de escravizados no centro comercial da capital. A elite temia a transmissão de doenças, e a africanização do Brasil.

Assim, em 1758, com o objetivo de retirar da Rua da Direita (atual Primeiro de Março) o comércio de africanos escravizados, – mesmo em oposição aos comerciantes que alegavam que isso poderia acarretar prejuízo – vereadores e médicos acordaram uma nova localização do comércio de escravizados recém-chegados, os chamados “pretos novos” (Honorato, 2019, p.91-92). O local indicado foi o Valongo², próximo ao centro comercial e protegido por morros, escondendo assim, o mercado de horrores, que não podia ser visto, mas que era fonte significativa de lucro para as elites da época.

Em meio a conflitos de todas as classes, a determinação de transferência só é cumprida a partir de 1774, conforme documento redigido pelo Marquês do Lavradio³:

Sendo-me presente os gravíssimos danos, que se tem seguido aos moradores desta cidade de se conservarem [...] dentro da mesma, imensos negros novos que vem dos portos de Guiné e Costa de África, infestados de gravíssimas enfermidades, [...] das quais se acham sempre cheias a maior parte das ruas, e casas dos comerciantes, que os costumam vender [...] de que tem resultado contagiosas queixas epidêmicas, de que de anos a esta parte se acha infestado todo esse país, [...] a fim de que cessando os estragos que tem assolado e destruído a todo esse continente e se possa preservar a saúde dos povos tão recomendada por El Rei Meu Senhor, o que já em outro tempo foi ponderado pela Câmara dessa Cidade, [...] que finalmente se julgou a favor dos mesmos comerciantes [...] Me pareceu dizer a vós mercês haja que dar aquelas providências que entenderem necessárias, a fim de que não sejam conservados nessa cidade os negros novos, que vem dos portos da Guiné e Costa da África, ordenando, que tanto os que se acham nela, como os que vierem chegando de novo daqueles portos, de bordo das mesmas embarcações que os conduzirem, depois de dada visita da saúde, sem saltarem em terra, sejam imediatamente levados ao Sitio do Valongo, onde se conservarão, desde a Pedra da Prainha até a Gamboa e lá se lhes dará saída e se curarão os doentes e enterrarão os mortos [...] assim se haja de observar daqui em diante, enquanto El Rei Meu Senhor não mandar em contrário. Deus guarde a vós mercê. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1774 (Arquivo Nacional do RJ – Códice 70,V.7, p.231).

Conforme citado pelo Marquês de Lavradio, o novo cais contaria com toda

² Era uma enseada, que acabou com o tempo a dar nome a região. Atualmente, só nomeia o Cais de Pedra, reconhecido como Sítio Arqueológico, localizado no atual bairro da Saúde.

³ Governador em 1763 e Vice-rei entre os anos de 1769 e 1778, fizeram parte da sua ação governamental medidas visando a salubridade do Rio de Janeiro.

a aparelhagem de suporte, como um Lazaredo⁴, para cuidar dos escravizados que chegavam sequelados da viagem, assim como um cemitério para enterrá-los.

De acordo com HONORATO (2019, p.148-149), até 1722 os africanos eram enterrados em um pequeno cemitério próximo à Santa Casa de Misericórdia. Devido ao aumento do tráfico de escravizados – e consequente mortalidade dos mesmos – os enterros foram transferidos para o entorno da Igreja de Santa Rita, próximo ao Valongo. Com o aumento populacional naquela região, e reclamação dos moradores concernente ao mal cheiro, o Cemitério dos Pretos Novos foi transferido para um aterro na Rua Pedro Ernesto, permanecendo em funcionamento até 1830, quando mais uma vez, devido ao crescente populacional do local, os moradores pediram a transferência do cemitério por questões sanitárias. O que demonstra o descaso das autoridades da Corte com aquela região. Com tantas reformas urbanas, o cemitério foi aterrado e redescoberto em 1996, durante as obras de reforma na casa de D. Mercedes Guimarães dos Anjos. As ossadas ali encontradas amontoadas, quebradas, fragmentadas, retorcidas, queimadas e misturadas ao lixo, demonstram o grau de crueldade no trato aos escravizados.

Figura 3 – Cemitério dos Pretos Novos – Rua Pedro Ernesto



Fonte: Aquarela de Reinaldo Tavares – arqueólogo IPN – Instituto Pretos Novos - <https://pretosnovos.com.br/museu-memorial/cemiterio-dos-pretos-novos/>
Acesso em: 02/03/2025

⁴ Lazaredos eram estabelecimentos que visavam o controle sanitário, recebendo as pessoas que chegavam pelos portos e que precisavam passar por quarentena a fim de se recuperar de moléstias contagiosas.

Figura 4 – Cemitério dos Pretos Novos – Rua Pedro Ernesto



Fonte: Riotur.rio – fachada do antigo cemitério, atual IPN – Instituto dos Pretos Novos - https://riotur.rio/que_fazer/pequena-africa/ Acesso em 05/03/2025

Cinco anos depois, no relatório de 19 de junho de 1779, Marquês do Lavradio, fala da transferência das atividades para o Valongo e enaltece o seu próprio feito:

Havia mais n´esta cidade o terrível costume de que todos os negros que chegavam da costa d´África a este porto, logo que desembarcavam, entravam para a cidade, vinha para as ruas públicas e principais dela, não só cheios de infinitas moléstias [...]foi preciso ser eu muito constante na minha resolução, para que logo que dessem a sua entrada na Alfândega[...]embarcassem para o sítio chamado Valongo, [...] ali se aproveitassem das muitas casas e armazéns que ali há para os terem; e que aqueles sítios [...] fossem as pessoas que os quisessem comprar [...]"

Relatório do Marquês de Lavradio – Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1843.

Com a abertura dos Portos às Nações Amigas, e subsequente transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro em março de 1808, houve um incremento nas atividades portuárias na extensão da Baía de Guanabara. A cidade cresceu em importância e em número de habitantes. Foram necessárias medidas para atender esse aumento populacional, tais como abertura de ruas, instalação de iluminação, construção de chafarizes para melhorar a distribuição

de água pela cidade, saneamento visando erradicar doenças, bem como a criação da Intendência de Polícia, encarregada da segurança, com objetivo de trazer civilidade à cidade principalmente por meio do controle da população pobre e preta composta de 60 a 70% de africanos, livres ou escravizados.

Preocupados com a possibilidade de uma rebelião entre os escravizados, as autoridades não apenas intensificaram o policiamento, mas também adotaram a estratégia de misturar africanos de diferentes nacionalidades. Essa medida visava dificultar a comunicação entre os cativos. Um viajante observou essa prática, destacando sua intenção de prevenir qualquer forma de organização entre os escravizados.

[...] o Rio de Janeiro, um verdadeiro formigueiro de negros. Esta concentração funestra traz consigo o constante perigo de uma rebelião. Contra tal inconveniente, a solução encontrada pelos portugueses foi adquirir escravos de diferentes proveniências e utilizar a oposição entre seus caracteres para controlá-los.
Jean M. Carvalho França, Um visitante no Rio de Janeiro Colonial. Revista Brasileira de História -V17 n.34, São Paulo, 1997

A relação com o tráfico e presença de escravizados foi se transformando no decorrer do XIX. Em 1807, por exemplo, os ingleses proibiram o tráfico para as suas colônias, estabelecendo um processo de fiscalização sobre o tráfico Atlântico. Em contrapartida, no Brasil, o tráfico se intensificou, o que culminou em obras de infraestrutura para garantir o aumento do afluxo escravista. É nesse contexto que se instaura o calçamento de pedra no trecho da Praia do Valongo visando melhorar o desembarque dos contingentes escravizados. Uma cidade acostumada a usar o braço escravizado, desde a remoção de esgoto até o transporte de pessoas e cargas pesadas, não abriria mão de um regime escravista tão rápido.

Conforme dados do Dossiê de Candidatura do Cais do Valongo a Patrimônio da Humanidade⁵, nos primeiros anos do XIX o Rio de Janeiro já havia se tornado o principal entreposto comercial do Império Português. A expansão das atividades portuárias na cidade desempenhou um papel fundamental no processo de ocupação da região da Pequena África, na medida em que o Cais

⁵ http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portugues.pdf

do Valongo se tornava o maior centro distribuidor de mão de obra cativa em todo país.

Ainda segundo o Dossiê, nos 20 anos de funcionamento entre as obras de infraestrutura, realizadas em 1811, e a sua desativação, em 1831, estima-se que pelo menos 1 milhão de escravizados tenham pisado as pedras do Cais. Durante este período uma forte influência africana se estabeleceu na região.

A Lei Feijó, criada por pressão da Inglaterra, conhecida como “Lei para inglês ver” desativa o Cais do Valongo, mas não impede o comércio de escravizados, que continuou em outros portos clandestinos por todo o litoral da então província. Em 1842, construiu-se outro cais por cima, para receber a Imperatriz Teresa Cristina, futura esposa de Dom Pedro II. Com a queda da monarquia, e as reformas urbanísticas de 1911, o Cais da Imperatriz foi aterrado para a construção da Praça do Comércio. Neste contexto já havia um desejo de apagar o vergonhoso passado escravista e trazer um senso de modernidade à promissora cidade. O objetivo era o de transformar o Rio em uma espécie de Paris, escondendo e apagando todo o esforço e legado das mãos africanas.

O Cais do Valongo ficou escondido por concreto até 2010, quando foi redescoberto durante as escavações do Porto Maravilha em 2011. Em 1996, também ocasionalmente, se redescobriu o Cemitério dos Pretos Novos, na Rua Pedro Ernesto, hoje chamado Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos. Foi uma longa jornada até 2017 ser reconhecido com Título de Patrimônio Mundial da Humanidade por sua especial importância para a história.

Figura 5 – Escavações do Cais do Valongo durante as obras de revitalização do Porto



Imagens 2011

Fonte: Portal Iphan – dossiê Cais do Valongo

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portugues.pdf - Acesso em: 28/02/2025

Embora os diferentes surtos civilizatórios, impulsionados por mudanças físicas e geográficas, tenham moldado a nova ordem urbana, essa busca por um novo modelo de cidade frequentemente resultou em exclusão social e na perda de importantes aspectos culturais. No entanto, essa perda não foi definitiva. Felizmente, muitos elementos do Rio colonial conseguiram resistir ao tempo e permanecem disponíveis para serem revividos e valorizados. A tentativa de ocultar a história e a cultura da população negra, paradoxalmente, acabou por preservar esses símbolos culturais, que são fundamentais para a identidade da cidade. Esses elementos não apenas enriquecem o patrimônio cultural do Rio de Janeiro, mas também oferecem uma oportunidade de reflexão e reconexão com nossas raízes africanas, promovendo um entendimento mais profundo da diversidade e da resistência cultural que caracterizam a cidade.

Figura 6 – Vista Frontal do Sítio Arqueológico do Cais do Valongo



Imagem 2014

Fonte: Portal Iphan – dossiê Cais do Valongo – http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portugues.pdf - Acesso em: 28/02/2025

3- O TERRITÓRIO DA PEQUENA ÁFRICA E SUA RELEVÂNCIA HISTÓRICO-SOCIAL

3.1 DELIMITANDO A PEQUENA ÁFRICA

Pequena África foi o termo designado pelo compositor, e artista multifacetado, Heitor dos Prazeres⁶, para nomear o território que abrange os bairros da Gamboa, Saúde, Quilombo da Pedra do Sal e Santo Cristo, habitada por parcela significativa da população negra e africana que aportou no Rio de Janeiro.

Heitor dizia que aquela região era a África em miniatura. Instalada às margens da baía da Guanabara, uma complexa rede de solidariedade, espiritualidade e música, se consolidava para superar os horrores históricos

⁶ Heitor dos Prazeres - compositor, cantor, pintor, instrumentista, marceneiro, costureiro, e frequentador da Pequena África. Seus quadros retratam a vida cotidiana da população negra pós abolição.

daquele lugar. Antes dele o escritor Lima Barreto⁷ já destacava os traços de “aringa africana” – uma espécie de campo fortificado – presentes na região que concentrava numerosa população afrodescendente.

É necessário deixar claro que a delimitação dos bairros que corresponderiam à intitulada “Pequena África” ainda é alvo de debate. Diversos autores acrescentam os bairros da Praça Onze, Estácio, Cidade Nova e Caju a este território. Segundo (SOARES,2011), por exemplo, a Pequena África “estendia-se desde a zona portuária até a Praça XI (antigo Rossio pequeno do Império)”. Ou seja, essa região contempla os bairros da Gamboa, Saúde, Santo Cristo, e os morros da Conceição, Livramento, Providência e Pinto. Já segundo a autora (SILVA,2015), tal região abarca diversos territórios que também podem ser denominados como Freguesia de Santana ou Cidade Nova perpassando os bairros da Saúde, Gamboa, Santo Cristo, além da atual Avenida Presidente Vargas e o Caju.

Fato é que nesse ambiente geograficamente protegido funcionou, entre 1774 e 1831, o maior complexo de comércio escravagista das Américas, que incluía os depósitos e armazéns de escravizados, o Cemitério dos Pretos Novos, que recebia os corpos daqueles que não resistiam às duras condições da travessia atlântica, e o Lazareto da Gamboa, destinado à quarentena dos cativos recém-chegados que padeciam das mais diversas moléstias.

Milhares de vidas foram perdidas, mas a história da população negra na pequena África vai muito além da escravidão. A cultura africana se manteve presente por meio de suas práticas, como a capoeira, a formação do samba carioca, a culinária, a linguagem e os rituais religiosos. Essas expressões culturais são testemunhos da resistência e continuam vivas em nossa sociedade.

A atividade do comércio de escravizados na região iria diminuir progressivamente a partir de 1831⁸, quando o tráfico atlântico de africanos escravizados foi formalmente proibido no Brasil. Mas, os fortes laços de

⁷ Lima Barreto - escritor e cronista vivenciou na pele a exclusão social e o preconceito racial, o que o tornou um observador atento da realidade brasileira, especialmente da "Pequena África".

⁸ No ano de 1831 foi proibida a entrada de africanos no Brasil oriundos do tráfico atlântico. No entanto, a proibição não significou o fim dessa atividade, que continuou a ocorrer em portos clandestinos com tolerância das autoridades. Em 1850, outra lei foi aprovada. De caráter mais rígido, ela conseguiu extinguir a atividade em sua dimensão internacional. Porém, continuaram a existir no Brasil tanto a escravidão de africanos e seus descendentes, como o tráfico interno desses cativos até a abolição da escravatura, que se deu em 1888.

vivências e sociabilidades, enraizados naquele território, dá ao Sítio Arqueológico do Cais do Valongo, um valor imensurável para a história. Em seu discurso na sessão de instalação da candidatura do Cais do Valongo à Patrimônio da Humanidade, Alberto Costa e Silva afirmou que:

O Cais do Valongo merece ser considerado pela UNESCO patrimônio da humanidade porque é o sítio de memória da escravidão mais completo que se conhece. Ele tem importância não apenas para a história brasileira e, portanto, para a nossa vida como nação, mas também para a história do mundo.

O tráfico atlântico e a escravização de africanos nas Américas entre os séculos XVI e XIX representa um longo e trágico episódio de enorme relevância para a história da humanidade. Operando entre 1774 e 1831, o Cais do Valongo foi, por mais de 50 anos, o maior receptor de escravizados de África nas Américas. Durante mais de três séculos de regime escravista no Brasil, quase um quarto de todos os africanos escravizados nas Américas chegaram pelo Rio de Janeiro, portanto, a cidade pode ser considerada o maior porto escravagista da história⁹. Revelado por escavações arqueológicas realizadas em 2011, durante as obras de revitalização do Porto, é um dos mercados de escravizados mais bem documentados na história da escravidão graças, especialmente, aos relatos de diversos viajantes que aqui estiveram no XIX. É o caso do botânico Karl Friedrich Von Martius, registrado na coleção *Viagem para o Brasil*¹⁰:

Logo que esses escravos chegam ao Rio de Janeiro, são aquartelados em casas alugadas para tal fim na Rua do Valongo, junto ao mar. Vêm-se ali crianças, desde os seis anos de idade, e adultos de ambos os sexos, de todas as idades. Eles jazem meio nus, expostos ao sol nos pátios ou fora, em volta das casas, ou separados segundo os sexos, distribuídos em diferentes salas.[...] Quem deseja comprar escravos dirige-se para fazer a escolha à Rua do Valongo, onde os guardas os apresentam inteiramente nus, em filas. O comprador verifica o vigor físico e a saúde, ora apalpando o corpo todo, ora fazendo o negro executar rápido movimento especialmente a extensão do punho cerrado.[...]

⁹ De acordo com Slave Trade Data base, entre 1808 e 1856, o Rio de Janeiro recebeu 1.047.000 africanos, sendo a maioria esmagadora da Angola (HONORATO, 2019, p.85).

¹⁰ Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Von. *Viagem Pelo Brasil*, 1823, São Paulo/Brasília: Editora Melhoramentos – INL, 1976. V2, p. 57-58

Há também importantes relatos produzidos pela inglesa Maria Graham:

“Vi hoje o Valongo. É o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas desta longuíssima rua são um depósito de negros cativos. Passando pelas suas portas abertas à noite, vi na maior parte delas bancos colocados rente às paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com a cabeça raspada, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares, as pobres criaturas jaziam sobre tapetes, evidentemente muito fracas para sentarem-se.¹¹

Sobre a força simbólica dos achados arqueológicos, Tania Andrade Lima afirma:

“Sem condições de escrever sua própria história, os escravos do Valongo deixaram para trás esses objetos, perdidos, abandonados, esquecidos ou escondidos. Através dos seus pertences, eles falam sobre suas angústias, seu desespero, mas também sobre suas esperanças e sobre as estratégias de sobrevivência que desenvolveram, em um discurso silencioso, porém extremamente eloquente. Essa foi a herança que eles puderam deixar para a sua descendência e também para a posteridade, agora recuperada pelas escavações arqueológicas. O Valongo exala opressão, racismo, intolerância, desigualdade e marginalidade no limite. Ele evoca um passado pesado e opressor, cujas consequências se fazem sentir até hoje e serão sentidas ainda por muito tempo no Brasil. Por isso mesmo, impregnado do sentido de lugar, ele por certo estimula a reflexão e inspira consciência social, o que favorece sua transformação em espaço de engajamento e diálogo cívicos, (...). Em nosso ponto de vista, sua força e poder simbólico podem ser colocados a serviço das causas da militância negra contra a desigualdade social, política, econômica, assim como do ativismo político que luta pelos direitos humanos mais fundamentais e pelo respeito à diversidade étnica”. (LIMA, 2013, p. 186).

O reconhecimento deste Patrimônio da Humanidade é uma forma de reparação por séculos de escravidão. O Cais do Valongo é, portanto, um símbolo que leva à reflexão sobre a segregação racial e a necessidade de não se repetir padrões que marcaram a nossa trajetória.

3.2 O POTENCIAL DA PEQUENA ÁFRICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

A valorização de espaços constituídos por elementos históricos responde a

¹¹ GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil... 1821-1823. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956 p. 188-254.

diferentes demandas no campo do consumo cultural e mesmo do ensino de História. Em consonância à Lei 10639/03, trabalhar com a Pequena África e sua história nos permite conhecer nossas tradições de base africana e aprofundar a história em geral.

A Pequena África representa mais de 200 anos de histórias relativas a eventos importantes, abrangendo desde o período joanino até a atualidade. Neste sentido, há um ponto nevrálgico concernente ao impacto do mercado transatlântico de escravizados promovido no Cais do Valongo, gerando consequências que afetaram as sociedades carioca e brasileira no pré e pós-abolição. Isso significa que as relações de poder dessa sociedade, nesse período histórico, foram moldadas e ao mesmo tempo influenciadas por esse comércio. Possuir escravizados era sinal de riqueza e poder.

Esse movimento de pensar esse espaço e suas relações é importante na medida em que ele nos permite um resgate à memória, identidade e representatividade da cultura africana e afrodiaspórica. Deste modo, nos vinculamos ao continente africano e suas plurais reinvenções processadas em território americano, o que nos possibilita desenvolver elementos para uma educação antirracista.

Ao longo do processo de construção da configuração espacial da cidade do Rio de Janeiro muitos espaços foram construídos e destruídos. Apagados da materialidade ou presentes, alguns espaços só podem ser entendidos se articulados às práticas dos grupos sociais naqueles lugares; dito de outra forma, os territórios só ganham inteligibilidade por meio da prática da população que ali vive.

[...] Esta freguesia estendia-se por grande parte da região do porto, pelas cercanias dos Morros da Providência e da Praça Onze. Ocupando uma área central da cidade, é hoje uma região degradada, mas guarda todos os sinais de uma batalha ocorrida há muito tempo entre uma população com um determinado modo de vida e um Estado omisso e, talvez por conta disto, ao mesmo tempo, opressor." (SILVA, 2015, p. 263-264).

Neste percurso, podemos mencionar a Guerra de Canudos, ocorrida na Bahia em 1897, onde os soldados participantes, abandonados pelo governo, ocuparam o Morro da Providência, assim como o contingente de baianos que chegam nesta região a procura de oportunidades. Esses eventos contribuíram

para o aumento da população na região da Pequena África. Podemos ainda nos conectar com personagens como Prata Preta, líder da resistência da revolta da vacina; João de Alabá, fundador de um dos maiores terreiros de Candomblé da região; Tia Ciata, considerada fomentadora da Cultura Africana; Músicos, como Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Hilário Jovino; André Rebouças, renomado abolicionista; Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Teatro Municipal; bem como o já citado Pereira Passos, responsável por reformas urbanas que transformaram a região, o que nos ajuda a ampliar conhecimento sobre a formação da cidade no seu sentido material e simbólico. Já na Era Vargas, por exemplo, quando ocorreu a tentativa de criar uma identidade nacional, podemos mencionar o samba daquela região. Repensar a condição do negro no pós-abolição, a formação da classe trabalhadora, os primeiros sindicatos e o projeto de embranquecimento da população na Primeira República. A Pequena África é um território rico de muitas histórias que nos permitem relacionar a história africana com tantos outros fatos históricos.

Revisitar o passado por meio de memórias formadas a partir de debates contemporâneos nos ajuda a contextualizar a história e a compreender o presente no qual as desigualdades raciais e as demandas por reparação ainda são questões relevantes e urgentes. Neste sentido, destacam-se medidas que visam desconstruir estereótipos e preconceitos de cor e origem, na medida que há uma relação entre negritude e africanidade.

Explorar antigos sobrados, quilombos, becos e vielas do que restou de uma região multiétnica e pluricultural nos fornecem ricas perspectivas na tentativa de entender quem somos. Em suma, estudar a Pequena África é viajar no tempo, nos fatos que moldaram e formaram nosso país.

3.3 DE MEMÓRIA SENSÍVEL À ATRAÇÃO TURÍSTICA

O Cais do Valongo é um dos mais contundentes lugares de memória da diáspora africana. O tráfico de africanos escravizados é uma história de longa duração entendida como parte dos chamados temas sensíveis, que despertam a memória de eventos traumáticos e dolorosos e lidam com episódios e processos históricos de violação de direitos humanos. Toda região na qual a

presença africana deixou sua herança viva, se perpetua e se renova até os dias hoje.

Ao receber em 2017, o título de Patrimônio Mundial da Unesco por seu valor excepcional e universal, o Sítio Arqueológico Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, passa a ser considerado como novo atrativo turístico, histórico e cultural da cidade do Rio de Janeiro, caracterizado por um turismo afro-referenciado que visa a propagação da história da região, bem como da herança e representatividade africanas.

Em seguida, através da Lei Estadual nº 8.105/2018, criou-se o Circuito Histórico e Arqueológico da Pequena África, que estabelece, dentre outras coisas, a ampliação de pontos do circuito e apoio para o desenvolvimento de atividades educacionais e culturais que enalteçam as tradições socioculturais ligadas à valorização da cultura de matriz africana.

Apesar de muitos anos de silenciamento e de invisibilidade na região da Pequena África, há uma mobilização de diversos atores e instituições para que essa memória e história não sejam apagadas e esquecidas. E o turismo sem dúvida é uma ferramenta que ajuda na propagação da história, pois propicia a história in loco, onde passado e presente se articulam.

Conforme levantamento da Secretaria de Turismo da Prefeitura do Rio de Janeiro, a Pequena África, recebeu em 2023 mais visitantes que o Cristo Redentor, ao mesmo tempo em que a Região da Zona Portuária, onde está inserido o Cais do Valongo, foi eleita, pela revista Time Out¹², como um dos pontos mais descolados do mundo. Parte dessa procura pela Zona Portuária é motivada pelo samba, bares e restaurantes. De todo modo, as histórias ali preservadas também ganham eco a partir dessa interação com as formas de comércio e lazer local conforme apresentado no Boletim Mensal de Dados do Cais do Valongo, que é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em alinhamento ao padrão de resposta do Relatório Periódico da UNESCO sobre o bem, mais especificamente, ao item 09 que correspondente à gestão de visitantes.

¹² <https://www.timeout.com/pt/rio-de-janeiro/noticias/o-rio-de-janeiro-e-a-cidade-com-a-melhor-vida-noturna-do-mundo-081524>

Tabela 1 – Total de Visitantes ao Cais do Valongo, por mês e ano, entre janeiro de 2016 e dezembro 2024:

TABELA 01 - Total de visitantes ao Cais do Valongo, por mês e ano, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2024.													
Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 11 - Cidades Inclusivas e Sustentáveis - Indicador 11.4.1													
Sítio Arqueológico Cais do Valongo - Patrimônio Mundial													
Cidade do Rio de Janeiro													
CIRCUITOS NA PEQUENA ÁFRICA	Número de visitantes ao Cais do Valongo, de janeiro a novembro de 2024.*												
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL POR ANO
2016	0	0	0	35	74	40	191	132	302	238	263	0	1.275
2017	0	0	0	54	274	0	224	377	579	565	341	0	2.414
2018	0	0	0	72	128	358	227	496	328	630	772	0	3.011
2019	0	0	0	55	210	221	108	351	337	363	828	0	2.473
2020	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	7	0	10
2021	10	4	0	7	0	11	6	0	14	12	528	238	830
2022	506	667	1151	847	1709	1657	1796	3170	2284	3075	4307	1563	22.732
2023	1391	1194	1946	1715	2618	2258	1922	2361	2244	1654	2251	2007	23.661
2024	813	790	1075	2374	3580	3806	3565	4421	3849	4174	3951	1811	34.209
TOTAL GERAL													90.615

*FONTES: Instituto Pretos Novos (IPN), Casa Tia Ciata, Agência RafaTuris e Guias de Turismo Locais: Luana Ferreira, Damiana Silva e Cosme Felippen.

Elaboração: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima, no âmbito das Políticas Públicas para Povos e Comunidades Tradicionais, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, janeiro de 2025.

Acesso em 02/03/2025

Segundo anunciou Marcelo Freixo, presidente da Embratur, Agência Brasileira de Turismo, vinculada ao Ministério do Turismo com objetivo de promoção nacional e internacional do turismo brasileiro, o Afroturismo¹³ é prioridade para a Embratur: “É um segmento compatível com o que o século XXI exige de nós, sermos antirracistas, valorizando e respeitando a cultura do povo negro, um grande negócio, que gera emprego e renda, e empodera empreendedores negros.”

O turismo em torno da história e cultura negra entrou recentemente no radar do governo brasileiro. Em maio de 2023, o Ministério da Igualdade Racial anunciou um edital de R\$ 10 milhões para criação de um museu dedicado à herança africana no Cais do Valongo. O Afroturismo entrou definitivamente na pauta política, tornando-se “pauta integrada” do novo governo e ganhando uma coordenadoria dentro da Embratur. A partir disso tem havido reuniões para se pensar legislações, conselhos, eventos e novas políticas públicas. Inclusive o Rio de Janeiro foi eleito o melhor destino nacional de Afroturismo 2024, o reconhecimento foi anunciado na WTM Latin América¹⁴, e destacou a Pequena

¹³ Turismo Cultural afrocentrado que seja no meio rural ou urbano, busca conhecer, reviver, experimentar, e valorizar a participação negra na formação da sociedade.

¹⁴ Feira de Turismo da América Latina - <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/rio-de-janeiro-e-eleito-o-melhor-destino-de-afroturismo-do-brasil-durante-premiacao-na-wtm-latin-america>.

Africa, Madureira e Muhcab no prêmio que celebra a herança africana. Um caminho sem volta de um setor que se organiza, articula e se consolida.

O que está em jogo é a disputa de memórias do passado escravista na configuração de um turismo de memória que, ora silencia, ora descortina, de diferentes formas, a experiência traumática da escravidão, aproximando abordagens e orientando respostas em diferentes espaços.

Neste território, alegria e dor se misturam. Se por um lado está a Pedra do Sal, (reduto do samba) e o Largo São Francisco da Prainha, eleito lugar mais Cult do Rio, do outro, permanece a memória de sofrimento do Cais do Valongo e do Cemitério no interior do Instituto dos Pretos Novos (IPN). Ambas necessárias, a primeira para prestar o devido reconhecimento cultural e a segunda para que não se repita.

De qualquer forma, seja no turismo educativo ou de lazer, há a oportunidade de contextualizar o passado, apresentando o peso que a escravidão representou na história do Brasil e conduzir para uma educação antirracista. Neste sentido, o turismo pode e deve ser usado como ferramenta poderosa de valorização da memória e preservação de monumentos, sítios históricos e tradições culturais, pois gera consciência da importância de preservação cultural.

3.4 CONHECENDO O CIRCUITO

O Circuito, reconhecido em 2011 pelo Decreto Municipal nº 34.803, abrange os bairros da Gamboa, Saúde, Quilombo da Pedra do Sal e Santo Cristo. Como já mencionado, há em curso uma grande discussão sobre a abrangência da chamada Pequena África. Dentre os pontos de visitação estabelecidos e sugeridos no decreto, foram escolhidos 8 pontos de interesse que contemplam a compreensão geográfica e o contexto histórico, buscando correlacionar o acontecimento com figuras e personalidades que dele fizeram parte.

Os roteiros geralmente se iniciam no Largo de São Francisco da Prainha, em frente à estátua de Mercedes Baptista, onde se pode explanar sobre a dança e culinária, a seguir visita-se o Beco João Inácio, onde se fala dos ranchos, em seguida costuma-se direcionar para a Pedra do Sal, onde se fala das

manifestações culturais e segue-se em direção ao Instituto dos Pretos Novos (IPN) e Muhcab (Museu da História e da Cultura Afro Brasileira).

Minha proposta de roteiro é iniciar com a memória de luta e resistência, na Praça da Harmonia, explicar sobre o sofrimento no IPN e Cais do Valongo e seguir para as contribuições da cultura africana, finalizando com degustação de alimentos e bebidas no Largo de São Francisco da Prainha, local que carrega as memórias das Casas de Zungus¹⁵.

Essa inversão do ponto inicial do roteiro tem o objetivo de salientar que a diáspora¹⁶ africana, representa não só uma morte em vida pela falta de um enterro digno, que pode ser constatado ao visitar o IPN. Ou pela discriminação étnica, relembrando a figura de Machado de Assis, ou pela perda de identidade social, ou pelas condições precárias dos navios, ou pelo banzo¹⁷ explicado no Cais do Valongo. Mas, salientar que a diáspora representa também uma reinvenção da vida, porque ao sobreviver a todas essas mortes, esses escravizados que ocuparam a região da Pequena África tiveram que recriar laços de sociabilidade, de uma nova identidade, de proteção, de reafirmação da sua cultura, e nos deixaram como herança o samba, a capoeira, a dança, a religião, a culinária.

Sendo assim, iniciaremos na Praça da Harmonia e terminaremos no Largo de São Francisco da Prainha, onde há mais opções de degustação de alimentos e bebidas. Este roteiro se insere no movimento de valorização da presença Afro na cultura carioca. São marcos de uma africanidade que se confundem com a construção física e social da cidade. A ideia aqui é finalizar com uma mensagem positiva de legado, e não de sofrimento. Neste sentido, percorro 8 pontos de interesse. Adiante apresento cada um deles.

¹⁵ Espaço de comida, sabores, acolhimento e saberes.

¹⁶ A diáspora africana refere-se à dispersão forçada de milhões de africanos e seus descendentes ao redor do mundo, principalmente como resultado do tráfico transatlântico de escravizados. Este processo ocorreu entre os séculos XVI e XIX, deslocando pessoas da África para diversas regiões, especialmente as Américas, causando um impacto profundo nas culturas e sociedades receptoras.

¹⁷ Estado de melancolia ou tristeza profunda causada pela privação da liberdade e maus tratos.

1. CORETO DA PRAÇA DA HARMONIA

Palco da Revolta da Vacina



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

Na Praça da Harmonia, oficialmente batizada Praça Coronel Assunção, já funcionou um grande mercado que supria as demandas não atendidas no mercado Municipal da Praça XV. Devido à baixa movimentação, com o tempo se transformou em um grande cortiço. Em 1897 foi desapropriado e transformado em depósito de mercadorias. Apenas 15 anos após o golpe de militar que derrubou a monarquia, e 16 anos depois do fim oficial da escravidão, o então Presidente Rodrigues Alves encarregou o engenheiro Francisco Pereira Passos da reforma urbana do Rio de Janeiro. A cidade sofria com crescimento desordenado, falta de saneamento e consequentes surtos de doenças. Em janeiro de 1904, pouco mais de um ano após ter assumido a função, Pereira Passos começou sua maior obra: a construção da Avenida Central, futura Rio Branco. Para isso, iniciou-se a primeira demolição de parte dos Morro do Castelo¹⁸ e de São Bento, assim como a redução de várias ruas no entorno, resultando na demolição de sobrados, cortiços e remoção de centenas de

¹⁸ Morro do Castelo foi o primeiro núcleo de povoamento da Cidade do Rio de Janeiro. Abrigava além de simples residências, Fortaleza, Igreja de São Sebastião, Colégio Jesuíta, Seminário, Hospital, Faculdade, Cadeia e Observatório. A demolição completa, ocorreu a partir de 1920, na administração do Prefeito Carlos Sampaio.

famílias. Apesar do descontentamento popular, a política do ‘bota-abaixo’ – como fora conhecido – foi um sucesso entre as elites. A missão de acabar com as epidemias ficou à cargo do jovem médico, bacteriologista e sanitarista, Oswaldo Cruz, que além de criar um exército de mata-mosquitos e caça aos ratos¹⁹, tornou obrigatória a vacinação contra varíola, determinando medidas punitivas a quem a recusasse²⁰.

À ocasião já havia uma grande insatisfação com o governo pela alta do custo de vida, remoção de famílias, repressão civil e religiosa. Uma manifestação iniciada no Largo de São Francisco se estendeu até a região da Pequena África. Na Praça da Harmonia, o capoeirista Horácio José da Silva, popularmente chamado de Prata Preta organizou uma barricada e liderou a insurreição. Ele utilizou um poste de luz derrubado, madeiras e papéis prateados que, ao longe e sem luz, foi visto pelos militares como um canhão com dinamites. O conflito durou uma semana e recebeu reforços para conter a multidão de pretos e pobres revoltosos. A história oficial contabiliza 945 presos, 110 feridos e 30 mortos, segundo o Centro Cultural do Ministério da Saúde. Se morto ou preso, nunca mais se ouviu falar de Prata Preta.

Com o fim da revolta, para acabar com qualquer lembrança dos acontecimentos na cidade, o prefeito Pereira Passos resolveu urbanizar o local, dando origem à praça como a conhecemos hoje.

¹⁹ Grupos de agentes sanitários munidos de inseticidas para eliminar focos de insetos e ratos. Empregavam um modelo de ação militar com poder para invadir casas.

²⁰ A não-vacinação impedia a renovação de matrícula escolar, admissão em cargos de trabalho e a obtenção de registros cartoriais, tal como o de casamento.

2. INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA DOS PRETOS NOVOS Cemitério



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

Pretos Novos era o termo pelo qual eram designados os escravizados recém-chegados ao porto. O cemitério fazia parte do aparelhamento do comércio, uma vez que era preciso descartar os corpos dos africanos mortos pelas péssimas condições dos navios tumbeiros, pelas doenças adquiridas nas longas jornadas, ou mesmo por maus tratos. Não há um número preciso de mortos enterrados ali. Foram “milhares de corpos escravizados em um espaço físico de cerca de 500m²” (PEREIRA, 2007, p. 99). Sabe-se, contudo, que foi muito mais do que sua capacidade. Para caber mais corpos, sem nenhum ritual, eles eram quebrados, queimados e espalhados, sendo a maioria de jovens e crianças. O cemitério funcionou de 1769 até 1830, quando foi desativado e encoberto após reclamações dos moradores da época. Mais de 160 anos depois, em 1996, a família Guimarães dos Anjos, ao fazer reforma em sua casa, encontrou centenas de ossadas, descobrindo o cemitério dos escravizados. Este espaço representa prova incontestável da barbárie ocorrida durante o tráfico de cativos africanos para o Brasil.

Na fachada do Instituto, localizado na rua R. Pedro Ernesto, 32, há a representação de uma mulher guerreira que defende seu passado. O desenho

foi concebido pelo artista plástico Ozi²¹ Atrás da imagem, entre os símbolos africanos chamado Adinkra (que representam ideias, valores e normas sociais) há uma mensagem da escritora e poeta Mel Duarte, filha de Ozi:

“Em memória dos nossos antepassados, em respeito às suas infinitas histórias, permaneceremos vivos e aquilombados. Evocando todas as forças protetoras por cada Bakhita, Lélia, Luiza, Conceição, Sueli, Carolina, Abdias. Daremos continuação aos seus ensinamentos. Resistência Preta. Afrodiaspórica!”

3. LADEIRA DO LIVRAMENTO

Local de nascimento de Machado de Assis



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

Em frente ao Cais do Valongo – e ao lado do grande mercado escravista que ali se estabeleceu – nasceu, em 21 de junho de 1839, o escritor Machado de Assis. Neto de avô paterno alforriado, e filho de um pintor com uma imigrante portuguesa, Machado foi concebido em uma família humilde. Apesar das dificuldades, destacou-se como um dos maiores escritores da literatura brasileira, sendo reconhecido por sua genialidade e inovação literária. Foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, uma instituição que desempenha um papel fundamental na promoção da literatura e

²¹Artista plástico e grafiteiro contemporâneo Ozéas Duarte - @ozistencil

da cultura no Brasil. Sua obra abrange romances, contos e crônicas, sendo produtor de críticas sociais incisivas. No entanto, por muitas décadas, a figura de Machado de Assis foi alvo de um processo de embranquecimento, resultado de um preconceito velado que permeava a sociedade da época. A elite cultural e social não aceitava que um homem negro, mesmo sendo letrado e amplamente reconhecido, pudesse ocupar um espaço de destaque na literatura. Essa distorção histórica não diminui, de forma alguma, a importância e a relevância de sua obra, que continua a influenciar escritores e leitores até os dias de hoje. A trajetória de Machado de Assis é um testemunho da luta contra o preconceito e reflete a complexidade da identidade brasileira.

4. CAIS DO VALONGO Diáspora Africana



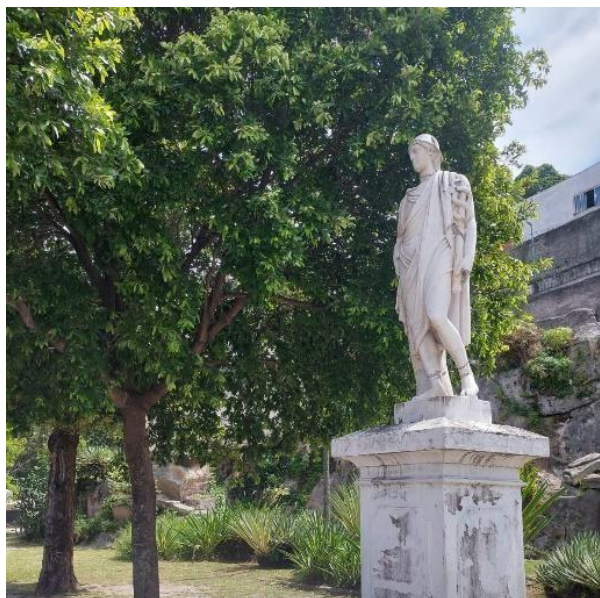
Fonte: Acervo Pessoal - 2025

O Sítio Arqueológico do Cais do Valongo foi construído a partir de 1811 para a chegada de escravizados do continente Africano. O Cais é considerado o maior porto receptor de escravizados das Américas, recebendo mais de 1 milhão de cativos, tornando-se a área mais rentável da cidade com funcionamento até 1831, quando o tráfico de escravizados foi legalmente proibido. Foi reformado em 1843 para a chegada da Imperatriz Tereza Cristina de Bourbon, esposa do Imperador D. Pedro II, sendo renomeado de Cais da Imperatriz. Após a queda do Império, foi transformado em Praça do Comércio. As pedras do Cais guardam

camadas de história e apagamentos. Redescoberto em 2011, durante as obras de revitalização do Porto, recebeu em 2017 o título Patrimônio Mundial da Humanidade. Em 2016, em frente ao Cais do Valongo, foi realizado o plantio de um Baobá, um presente da União Africana (UA)²² ao Instituto dos Pretos Novos. Essa árvore majestosa, que pode atingir até 30 metros de altura e 10 metros de circunferência, não poderia ser mantida no IPN. Por isso, foi transferida de forma sábia para o Cais do Valongo, onde sua simbologia conecta-se profundamente com todos aqueles que passaram por ali. Especialmente na África Ocidental e Central, o Baobá é considerado uma árvore sagrada e representa a ligação dos antepassados conosco e nossa com as divindades superiores. Ele significa conexão, ancestralidade, sabedoria e resistência. Ao lado do Cais do Valongo encontra-se o imponente prédio das Docas Dom Pedro II, projeto de 1871, dos irmãos André e Antônio Rebouças, engenheiros negros, abolicionistas. O local era utilizado para armazenamento de mercadorias. Por exigência deles, foi a primeira construção da cidade sem uso de mão de obra escravizada.

5. JARDIM SUSPENSO DO VALONGO

Apagamento



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

Localizado na antiga rua do Valongo, local que abrigava lojas de vendas de escravizados. Foi criado em 1906, pelo arquiteto espanhol Luis Rey, durante a

²² é um organismo continental composto por 55 Estados-membros, representando todos os países do continente africano. Foi criada em 2002, sucedendo à Organização da Unidade Africana (OUA).

gestão do prefeito Pereira Passos como parte do plano de remodelação e embelezamento da cidade. Serviu como mais uma tentativa de apagamento histórico do comércio de escravizados que ali ocorria, dando lugar a uma tentativa de “Paris dos trópicos”. Atualmente a antiga Casa da Guarda, que permanece na escada acima do Jardim, chama-se Casa João de Alabá, funcionando como centro de cultura. João de Alabá foi o Babalorixá responsável pelo maior terreiro da região da Pequena África. De lá saíram as Tias baianas, caso das Tias Bebiana, Perciliana, Perpétua, Calú Boneca, Maria Amélia, Rosa Ole, Mônica, Carmem da Xibuca, Josefa Rica, Gracinda e Ciata, respeitadas por serem o elo de sociabilidade naquela região. Essa é razão pela qual vemos suas representações nas alas das baianas das escolas de samba. Dentre elas, destaque especial para Tia Ciata. Ela teria sido a responsável por curar a ferida da perna do Presidente Venceslau Braz (1914-1918). Em retribuição ele promoveu o marido de Ciata a um posto no gabinete da polícia. Com isso, a casa de Tia Ciata deixa de ser alvo de repressão policial, algo comum em locais de reunião de pessoas negras. Ela se transforma em um importante refúgio da ancestralidade negra, onde se preservam tradições como o candomblé, a capoeira, a música, as comidas e as danças. Vale destacar que foi na casa de Tia Ciata que surgiu o primeiro samba gravado. “Pelo Telefone”, canção de 1917, é considerado um dos primeiros registros do samba e ajudou a popularizar o gênero, contribuindo para a história da música brasileira.

6. PEDRA DO SAL Resistência e Manifestação Cultural



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

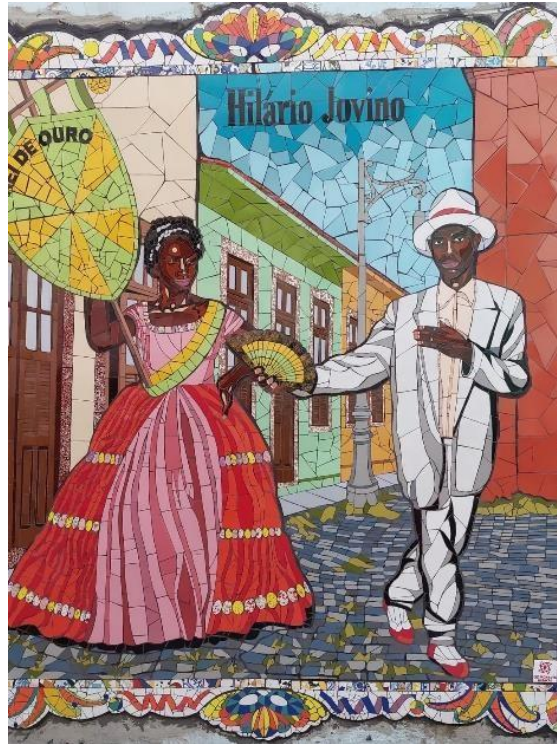
Local onde o sal era descarregado, também ponto de resistência, de encontros, de oferendas religiosas e celebração. É formada por gnaisse facoidal, chamada de “a mais carioca das rochas” por se encontrar em vários monumentos naturais e históricos da cidade, como o Morro do Pão de Açúcar. Tombada desde 1987 como Patrimônio Material do Estado do Rio de Janeiro²³. Ali surgiram os primeiros terreiros e os ranchos, berço das primeiras escolas de samba. Local onde a cultura africana foi fomentada e resistiu à lei da “vadiagem”²⁴ e às reformas urbanas. Foi daquela região que saíram grandes nomes do samba, como Donga, Pixinguinha, João da Baiana, Sinhô, Heitor dos Prazeres e Hilário Jovino. Tentaram sufocar todas essas manifestações, mas elas seguem vivas na Pedra do Sal e em cada esquina da cidade. A comunidade quilombola ali existente reivindica o reconhecimento território formado por residências tradicionalmente ocupadas desde a época de seus antepassados.

²³ https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/pedra_do_sal.pdf

²⁴ Código penal de 1890 ao lado de outros decretos, serviam como ferramenta para controle da circulação de pessoas e grupos em determinadas áreas da cidade e horas do dia.

7. BECO JOÃO INÁCIO

Painel Cosmonauta



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

Nele se destaca a figura de Hilário Jovino que residiu no Beco João Inácio. Nascido em Pernambuco e vindo da Bahia, serviu como músico na marinha do Rio de Janeiro e foi um grande agitador do carnaval carioca no início do século XX. Admirador dos desfiles da folia de Reis, criou o rancho Rei de Ouros, com objetivo de participar do carnaval, criando assim, o que viria a ser o embrião das escolas de samba. Inventou também a figura do mestre sala, personagem que acompanha e protege a bandeira da escola de samba.

8. LARGO DE SÃO FRANCISCO DA PRAINHA

Arte e reconhecimento



Fonte: Acervo Pessoal - 2025

Reconhecido como um dos lugares mais legais do mundo – segundo a revista Time Out –, esse espaço guarda uma animada vida noturna, além de uma importante carga histórica. Localizado no sopé do Morro da Conceição, ali existiu uma pequena praia que recebeu este nome por estar ao lado da Igrejinha de São Francisco, que começou a ser erguida em 1696 em estilo barroco jesuítico. No passado o local abrigou, além de terreiros e rodas de capoeira, as famosas casas de Zungus, espaços de convivência e solidariedade que forneciam alimento e abrigo. Em sua maioria eram comandadas por quitandeiras que serviam angu para os necessitados. No centro da praça há uma homenagem a Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Difusora da dança afro e defensora da luta antirracista, Mercedes Baptista, revolucionou os desfiles das escolas de samba ao criar as alas coreografadas e ao levar, em 1963, a dança para a tradicional comissão de frente no emblemático desfile do Salgueiro em homenagem a Chica da Silva. Mercedes lutou contra várias adversidades e recebeu esta homenagem como símbolo de resistência negra.

4- GAMIFICANDO A HERANÇA NEGRA

Teóricos como Piaget (1974) e Vygotsky (1996) descreveram o jogar e brincar como indispensáveis para a prática educativa. No processo de jogar, Piaget (1974) considera que a criança assimila o que percebeu da realidade de acordo com as estruturas mentais já estabelecidas. Já Vygotsky (1996) acredita no jogo como ferramenta que estimula a criatividade e modifica as estruturas. Segundo ele, os indivíduos aprendem dialogando com os sujeitos que fazem parte de seu ambiente social. E essa é uma das perspectivas no ambiente dos jogos: a aprendizagem a partir da interação. A esse respeito, Vasconcelos propõe a seguinte indagação:

[...] se o brincar traz elementos tão importantes para constituição humana, por que instituições escolares da contemporaneidade excluem e/ou não valorizam esse poderoso elemento simbólico como fator essencial para o processo de construção da subjetividade do sujeito e do conhecimento? (VASCONCELOS, 2006, p. 61)

Para conceber um jogo como ferramenta de ensino devemos compreender o conceito de “aprendizagem”. Segundo Piaget (1974), é provocada e espontânea. Não é simplesmente uma reação sobre uma ação, mas uma reflexão que leva à construção do conhecimento. Não cabe aqui aprofundar sobre o estudo de cada estágio de desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget (1974), mas conceituar a aprendizagem como um processo contínuo de construção e reconstrução. Assim, podemos entender os jogos como uma linguagem mediadora que pode ser aplicada no ensino de história.

Segundo Meinerz (2013), os jogos devem ser entendidos enquanto prática cultural, que pressupõe a interação social e possibilita a circulação de saberes e fazeres. Para Prensky (2012), os jogos podem transformar os processos de ensino-aprendizagem, tanto no nível dos professores/alunos, como na própria instituição, tornando a aprendizagem crítica e ativa. Nesse sentido, entendemos também o potencial dos jogos como elemento de interação social. O jogo é ainda um recurso que une capacidades e competências variadas tanto para o desenvolvimento do professor na sua didática, como também no progresso da aprendizagem do aluno.

Nos dias de hoje, a grande questão que envolve o jogo na educação é

como dosar a ludicidade e o aprendizado de modo que esses âmbitos se complementem. A atividade não deve ser desinteressante a ponto de perder o caráter lúdico, e não pode ser descontextualizada de tal forma que não gere reflexão sobre o conteúdo que está sendo ensinado. Encontrar o ponto de equilíbrio é o desafio do educador ao trabalhar com esse recurso nas salas de aula. (Revista Ensino Superior, 2016).

Além do desenvolvimento da concentração, construção do raciocínio lógico, do saber lidar com perdas e vitórias e interação entre os indivíduos, o jogo dá autonomia ao aprendizado.

Os jogos podem ser de competição, cooperação ou ambos. O ideal é sempre poder associar os dois tipos. Na aplicação educacional, deve-se lembrar que as perdas também contribuem para o desenvolvimento emocional saudável, e isto deve sempre ser enfatizado pelo docente mediador.

Criar jogos para o ensino nem sempre é uma tarefa fácil, porém é bastante recompensador. A interdisciplinaridade tão valorizada pelas diretrizes curriculares brasileiras nos últimos anos pode ser bem trabalhada através destes jogos.

5- HORA DE JOGAR!

Preparação:

O circuito pode ser ordenado de acordo com o roteiro estabelecido pelo professor ou guia de turismo. Além disso, pode ser criado cartas com novas perguntas. O jogo mantém a premissa de informar, ensinar e divertir através do engajamento da tarefa, abrangendo várias faixas etárias e servindo tanto para público do turismo histórico, quanto educacional ou de lazer.

Jogo em Equipe:

Independentemente do número de pessoas, o jogo sugere a formação de 02 (dois) grupos.

Objetivo:

Cada grupo deverá, através das perguntas das cartas, completar e compreender a história do circuito e, conseqüentemente, obter o maior montante de moedas. Vence o grupo que angariar mais moedas. Independentemente disso, o objetivo pedagógico central é o de engajar e fomentar conhecimento.

Como Jogar:

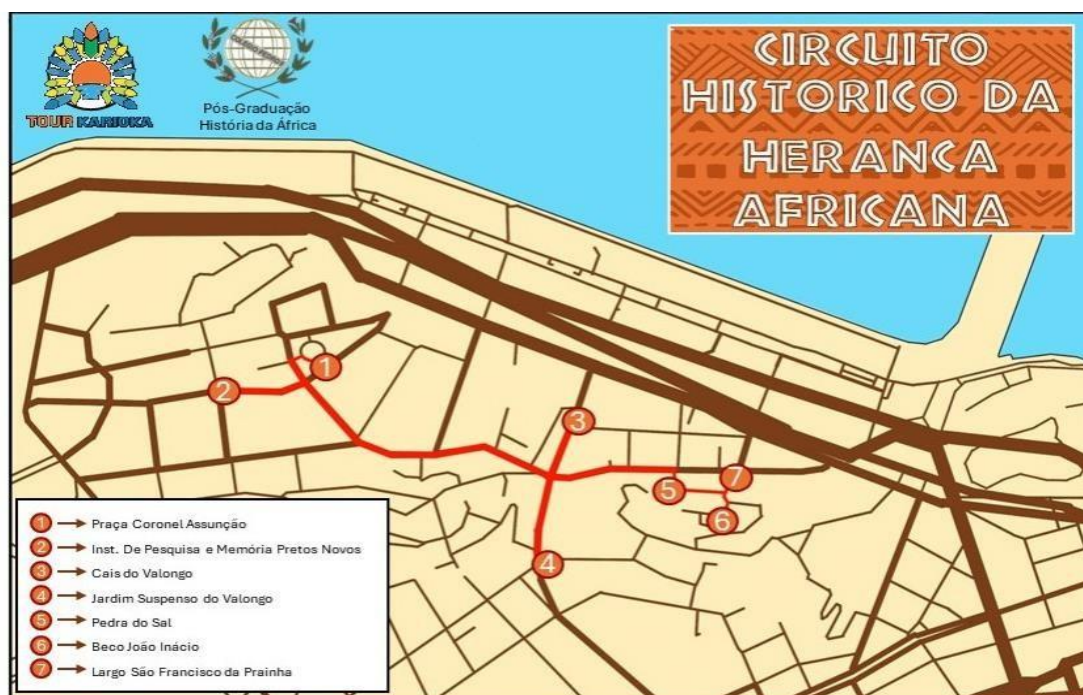
Em cada ponto escolhido do circuito o professor ou guia mostra a carta e faz as perguntas. A partir da problematização em cada ponto do circuito, espera-se que, além da capacidade de relacionar as figuras aos fatos e noções de temporalidade, haja também maior interação e cooperação dos participantes. Apesar de parecer simples, o jogo mobiliza o aspecto cognitivo a partir da cooperação e competição.

Pontuação e Vencedor:

A cada carta foi atribuída uma pontuação em moedas. É declarado o grupo vencedor que acumular mais moedas ao longo do circuito.

Componentes:


01 mapa do circuito com a identificação do espaço geográfico a ser percorrido com objetivo de conferir melhor percepção espacial ao circuito. Além de trazer o mapeamento do território, ele ajuda na comunicação e compreensão dos diferentes espaços.

Mapa do Jogo:

Cartas:

8 cartas com dicas sobre a história destes pontos ou das personalidades vinculadas ao local visitado. Cada carta vale o número de pontos correspondente nas moedas.

Cais do Valongo



2

Qual a obra mais importante historicamente de André Rebouças?

- Docas D. Pedro II
- Parque Nacional do Iguaçu
- Ferrovias Paranaguá
- Chafariz da Praça Zacarias

Cais do Valongo



1

Qual escritor afro brasileiro foi forjado como uma pessoa branca ao longo da história?

- José do Patrocínio
- Lima Barreto
- Machado de Assis
- Cruz e Souza

Jardim Suspenso do Valongo




3

Qual foi o registro do primeiro samba gravado?

- Batuque na cozinha – João da Baiana
- Pelo telefone - Donga
- Vai saudade – Heitor dos Prazeres
- Samba do nego – Pixinguinha

Pedra do Sal



3

Em qual governo o samba ganhou o status de gênero musical?

- Juscelino Kubistchek
- Getúlio Vargas
- Eurico Gaspar Dutra
- Venceslau Braz

Beco João Inácio



Qual manifestação cultural deu origem às escolas de samba?

- a) Congada
- b) Ranchos
- c) Blocos de Carnaval
- d) Maculelê

Largo São Francisco da Prainha



Além do pioneirismo no balé, Mercedes Batista inovou em...

- a) Fantasias
- b) Samba enredo
- c) Comissão de frente
- d) Alegorias e Adereços

Para contemplar o aspecto da multidisciplinariedade, poderão ser acrescentadas imagens, mapas, textos e músicas.

O jogo está em fase final de confecção e será aplicado no segundo semestre de 2025, juntamente com a pesquisa qualitativa de aferição sobre o alcance do aprendizado nessa experiência. A primeira observação positiva que se faz é da agilidade da memória visual em manusear o mapa durante o percurso.

Deseja-se que o resultado final desta experiência traga uma amostra concreta na aprendizagem sobre o território, seus personagens e sua ligação com o presente e o futuro através de reflexões sobre o racismo e conscientização do patrimônio.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de aplicar o jogo no guiamento do Circuito da Herança Africana, surge do desejo de colocar o expectador, seja criança, jovem ou adulto no centro do processo de construção do conhecimento de forma mais dinâmica, fugindo assim, dos padrões tradicionais de exposição.

O local escolhido para aplicação do jogo é muito rico e permite viajar pela história através das transformações sofridas na cidade, refletindo sobre acontecimentos, modos de organização do trabalho, conflitos sociais e aspectos da cultura. Quando o processo de ensino-aprendizagem é interativo, criam-se laços de afinidade com a experiência de ensino.

Deste modo, a atividade contribui para uma aprendizagem relevante sobre a Pequena África, o que contempla as leis 10639/03 e 11.645/08 sobre o ensino de História da África, cultura afro-brasileira e indígena no cotidiano escolar.

Ao criar narrativas enfatizando o papel do negro como sujeito histórico na construção do país, colaboramos para desconstruir as imagens de desvalorização do povo africano e seus descendentes, ampliando as discussões sobre apagamento cultural africano, promovendo autoestima positiva nos alunos afrodescendentes, bem como sensibilizando turistas em geral.

Visto que o uso dos jogos, de maneira geral, não é abordado nos cursos de formação docente como prática pedagógica, a proposta de inserção dos jogos se apresenta como uma nova linguagem na busca de práticas de ensino mais significativas. A utilização de jogos é, portanto, uma importante ferramenta no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista seu aspecto colaborativo e motivador, fomentando o pensamento crítico e a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio – **Evolução urbana do Rio de Janeiro** – Iphanrio/ Zahar, 1987 – RJ

ANDRADE, D. E.-J. (2007). **O lúdico e o sério: experiências com jogos no ensino de história**. *História & Ensino*, 13, 91–106.

ANDRADE LIMA, T. Arqueologia como ação sociopolítica: **o caso do cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX**. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, Belo Horizonte, v. 7, n.1, jan- jul., 177-207, 2013.

CARNEIRO, K. T. **Por uma memória do jogo**: a presença do jogo na infância de octogenários e nonagenários. 273 f. Tese (doutorado em educação escolar – Unesp- Universidade Estadual paulista, 2015.

DELGADO NETO, G.G. **Uma contribuição à metodologia de projeto para o desenvolvimento de jogos e brinquedos infantis**. 188 f. Dissertação (mestrado em Engenharia Mecânica -Unicamp, Campinas, 2005 – disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/359462> Acesso em: 20 jan.2025

Dossiê de candidatura do Sítio Arqueológico Cais do Valongo a Patrimônio da Humanidade pela Unesco – Iphan, Rio de Janeiro 2016 – disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portugues.pdf Acesso em: 13 dez.2024

FERMIANO, Maria A. Belintane.(2005) **O Jogo como instrumento de trabalho no ensino de História**. disponível em: www.anpuh.uepg.br/historiahoje/vol3.n7 Acesso em: 22 Jan.2025

FREIRYSS, Georg W. **Viagem interior do Brasil nos anos 1814-1815** – tradução Alberto Löfren. São Paulo, 1906.

GIMENEZ, Jessica Silva Tinoco - **A Pequena África como patrimônio histórico cultural**: uma reflexão sobre a história do Cais do Valongo – XVIII Encontro de história da Anpuh-Rio – Histórias e Parcerias 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529373196_ARQUIVO_APequenaAfricacomopatrimonioculturalumareflexaosobreahistoria doCaisdoValongo.pdf - Acesso em 28 fev. 2025

GOMES, Laurentino, 1956 - **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**, volume 1 – Rio de Janeiro/ Globo Livros, 2019.

HONORATO, Cláudio de Paula (2019). **Valongo: o mercado de almas da praça carioca**, 1.ed. Curitiba, Appris, 2019.

KAPP, K.M. **The Gamification of Learning and Instruction: Game-based Methods and Strategies for Training and Education**, John Wiley & Sons, 2012.

LEI Nº 8105 DE 20 DE SETEMBRO DE 2018 - CRIA O **CIRCUITO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DA PEQUENA ÁFRICA** E INCENTIVA A CRIAÇÃO DE CIRCUITOS QUE ABRANJAM OS CAMINHOS DA DIÁSPORA AFRICANA PELO ESTADO DO RIO DE JANEIRO- disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/629646654/lei-8105-18-rio-de-janeiro-rj>
Acesso: 22 fev.2025

MATTOS, Romulo - **Pequena África: lugar de luta contra a escravidão no Porto** - disponível em: <https://jornaldapuc.vrc.pucRio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=10&infoid=5334&sid=24#:~:text=Sua%20import%C3%A2ncia%20hist%C3%B3rica%20para%20a,aponta%20o%20professor%20Romulo%20Mattos>
Acesso: 08 fev.2025

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva- **À flor da terra: O cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro** - Rio de Janeiro : Garamond : IPHAN, 2007.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO- 2002 – Memória e Destruição – **Rio Uma história que se perdeu 1889-1965**. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204430/4101439/memoria_da_destruicao.pdf Acesso em: 02 mar.2024

PRETOS NOVOS DO VALONGO: **Escravidão e herança africana no Rio de Janeiro** – Org.Mônica Sanches – 1ª Ed. Bazar do Tempo, 2024.

REVISTA ENSINO SUPERIOR/ **A história do uso de jogos na educação** disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/2016/05/25/conheca-a-historia-do-uso-dos-jogos-na-educacao/> Acesso em: 12 jan.2025.

SEARA, Berenice – **Guia de roteiros do Rio Antigo**, 2004 , 2ª edição, Infoglobo

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E CLIMA -**Assessoria para Povos e Comunidades Tradicionais**- disponível em: <https://lookerstudio.google.com/reporting/7c945f08-53e9-4ea6-bb50-40b0f1a80766/page/rq4hD> Acesso em: 28 mar.2025.

SILVA, Lúcia. **FREGUESIA DE SANTANA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: Territórios e etnia no último quartel do século XIX**. REVISTA ELETRÔNICA DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CIDADE . ISSN 1982-0569 v. 7, n. 10, jan /ago (2015). Dossiê História Urbana: a configuração de um campo conceitual.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Pequena África: Um portal do Atlântico**. 1ª edição, CEAP, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, V., Varum, C., & Eusébio, C. (2017). **O Potencial da Gamificação para Aumentar a Competitividade dos Destinos Turísticos**: revisão de literatura baseada na Scopus. *Revista Turismo Em Análise*, 28(1), p. 91–111. Disponível em <https://revistas.usp.br/rta/article/view/118490/128211> Acesso: 28 fev.2025

THEODORO Helena – Territórios Negros no Rio- **Territórios Negros: Patrimônio e educação na Pequena África** / organização Renato Emerson dos Santos ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022- disponível em https://instituto215.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2023/09/Territorios-Negros_Patrimonio-e-Educacao-na-Pequena-Africa-final.pdf Acesso:01fev.2025.